

Dualismo corpo/alma na teologia pentecostal*

Dualism between body and soul in the pentecostal theology

Por Fernando Albano**

Mestre em Teologia (EST)

Professor da Faculdade Refidim, Joinville, SC

fernando@ceeduc.org

Resumo:

O objeto deste artigo é o dualismo corpo/alma na teologia pentecostal brasileira, representado por sua maior expressão, a Assembléia de Deus. Assim, a partir da valorização do ser humano integral, se busca investigar a antropologia teológica pentecostal, suas tensões e convergências com a perspectiva bíblica. A ênfase teológica na unidade da constituição humana, que o testemunho bíblico indica, contrasta com a experiência histórica da cristandade, na qual o corpo sempre teve um papel secundário, “status” que, ainda permanece no pentecostalismo atual. Por fim, aponta-se para a teologia pentecostal a adoção da perspectiva antropológica unitária.

Palavras-chave:

Dualismo. Antropologia. Corpo. Alma. Teologia Pentecostal. Assembléia de Deus.

Abstract:

The object of this research is the dualism between body and soul in the Brazilian Pentecostal theology, represented by its major expression: the Assembly of God Church. Thus, from the appreciation of the whole human being, it seeks to investigate the Pentecostal theological anthropology, its tensions and convergences with the biblical perspective. The theological emphasis on the unity of the human constitution, which the biblical testimony indicates, contrasts with the historical experience of Christianity, in which the body always played a secondary status, which remains in Pentecostalism today. Finally, it indicates a Pentecostal theology the adoption of the anthropological unity perspective.

Keywords:

Dualism. Anthropology. Body. Soul. Pentecostal theology. Assembly of God.

Introdução

Neste breve artigo se analisará a natureza da concepção teológica pentecostal sobre o ser humano, especialmente a questão do dualismo¹

antropológico, que divide as dimensões material e espiritual que forma a identidade humana. Também se analisará a origem do dualismo antropológico na história da teologia cristã.

Sabe-se que o pentecostalismo é um movimento cristão oriundo do protestantismo evangélico que afirma a importância da experiência com o Espírito Santo, iniciada pelo batismo no Espírito Santo e confirmada pelos dons de falar novas línguas. Entre suas principais características pode-se destacar: ênfase na espiritualidade e nos dons espirituais, nova dinâmica litúrgica, a tendência à leitura literal dos textos bíblicos, a intensa atividade de leigos na expansão e administração das comunidades pentecostais e a

* ALBANO, Fernando. *Dualismo corpo/alma na teologia pentecostal*. 2010. Dissertação (Mestrado) – IEPG, Escola Superior de Teologia, São Leopoldo (RS). p. 63. Adaptação do original a este artigo científico.

** Fernando Albano é licenciado em Ensino Religioso pela UNIVILLE/SC, mestre em Teologia pela EST/RS; Professor de Teologia Sistemática na Faculdade Refidim, Joinville, SC e Professor Efetivo de Ensino Religioso na Escola Municipal Paul Harris, Joinville, SC.

¹ *Dualismo*. A palavra dualismo foi inventada em 1700 para caracterizar a doutrina iraniana dos dois espíritos. Desde então o termo dualismo tem sido empregado de diversas formas através da história da teologia e da filosofia, porém, o conceito básico é que há uma distinção entre dois princípios básicos que são independentes entre si e que às vezes são opostos um ao outro. Na teologia, Deus é contraposto a algum princípio espiritual do mal ou ao

mundo material, enquanto que na filosofia o espírito é contraposto à matéria. Cf. ELIADE, Mircea. *Dicionário das religiões*. São Paulo: Martins Fontes, 2003. p. 133.

busca da salvação da alma. O termo “pentecostalismo” provém de “Pentecostes”, conforme descrito no capítulo 2 do livro dos Atos dos apóstolos.²

Este movimento chegou ao Brasil no início do séc. XX, proveniente dos Estados Unidos e onde teve início, através dos missionários Daniel Berg e Gunnar Vingren. Estes fundaram a denominada “Igreja Evangélica Assembléia de Deus”, a maior representante do chamado pentecostalismo “clássico”.³ De acordo com Passos: “Os últimos dados do censo demográfico mostram o crescimento fenomenal dos grupos pentecostais nos últimos anos no Brasil. Eles passaram de 8,1 milhões em 1990 para 17,6 milhões em 2000”.⁴ Esta representativa presença torna o pentecostalismo alvo de estudo e pesquisa por parte de teólogos, cientistas da religião, sociólogos, entre outros.⁵

O dualismo na antropologia cristã

A *teologia do pentecostalismo*⁶ clássico, sobretudo, sua concepção de antropologia parece inegavelmente valorizar mais a alma e espírito do que o corpo. Entretanto esta desvalorização do corpo não parece ser uma posição tipicamente pentecostal, antes se faz presente no cristianismo

ao longo de sua história, e parece perdurar e se mostrar explícita no modo cristão pentecostal⁷.

Isto posto, cabe perguntar pelas origens desta concepção antropológica dualista, sua tensão com a perspectiva bíblica de ser humano, assim como esse dualismo veio se fazer presente na teologia pentecostal que, a princípio parece valorizar o corpo, pelo menos em seu aspecto litúrgico e na crença da cura divina. Bobsin escreveu o seguinte a respeito desta aparente contradição pentecostal:

O corpo, carne pecadora, é reprimido, ao mesmo tempo que é visto como templo do Espírito Santo. Por meio dele o crente manifesta a alegria da salvação. Nesta perspectiva, o culto transforma-se numa dramatização do cotidiano onde há lugar para a corporalidade: pela presença da herança puritana nega-se a “carne”, mas na continuidade cultural, dada pelo contexto, ela é reafirmada no corpo do que expressa a alegria da experiência da salvação. Por isto, suspeita-se que haja, ao mesmo tempo, a negação e a reafirmação do dualismo corpo/alma.⁸

Portanto, é necessário examinar, ainda que brevemente, a antropologia da teologia cristã, principalmente a ocidental. Num segundo momento pretendo investigar o que a teologia sistemática pentecostal afirma a respeito do ser humano e sua constituição e, tendo feito isto propor caminhos de superação de conceitos de natureza dualista e reducionista da condição humana.

O dualismo nas origens cristãs

Nos primórdios do cristianismo pode se perceber certa ambiguidade em torno da ideia de ser humano. A Igreja nos primeiros séculos teve

² Cf. PASSOS, João Décio. *Pentecostais: origens e começo*. São Paulo: Paulinas, 2005. (Coleção temas do ensino religioso) p. 14-15.

³ Cf. ARAUJO, Isael. *Dicionário do movimento pentecostal*. Rio de Janeiro: CPAD, 2007. p. 557, 568.

⁴ PASSOS, 2005, p. 18.

⁵ Cf. SOUZA, Alexandre Carneiro de. *Pentecostalismo: de onde vem, para onde vai?* Viçosa: Ultimato, 2004. Cf. GUTIÉRREZ; CAMPOS, 1996. Cf. ANTONIAZZI, 1994.

⁶ A teologia pentecostal no Brasil, representada pelas Assembléias de Deus, ainda está em processo de construção. Destaca a pessoa do Espírito Santo, o batismo do Espírito Santo e a atualidade dos dons do Espírito, assim como a santificação e vinda de Jesus. Possui um aspecto dinâmico pela sua abertura à experiência do Espírito e, a certos aspectos religiosos da cultura brasileira, por outro lado é de natureza dogmática e fundamentalista, priorizando uma leitura da Bíblia de caráter literalista. A teologia pentecostal atualmente esforça-se para apresentar uma feição mais coesa e coerente com suas crenças e práticas. Isso porque em suas primeiras décadas, o pentecostalismo brasileiro não tinha o ensino teológico formal como a sua prioridade básica.

⁷ Segundo Paul Freston: “O Brasil é a capital mundial do pentecostalismo. No censo de 2000, os católicos eram 73% da população (em termos de adesão nominal, pelo menos), os evangélicos eram 15,5% (os pentecostais eram 10,4%) e os sem-religião eram 7%”. FRESTON, Paul. Presente e futuro da igreja evangélica no Brasil. *Ultimato*, Viçosa, ano 12, n. 315, p. 39, nov./dez. 2008.

⁸ BOBSIN, Oneide. Pentecostalismo e neopentecostalismo no Brasil: aspectos políticos e culturais. In: *Correntes religiosas e globalização*. 2. ed. CEBI: São Leopoldo: PPL: Curitiba: IEPG: São Leopoldo, 2006. p. 72-73.

trabalho para enfrentar as concepções grega e platônica, que negavam o corpo e o apresentava junto com tudo o que é material como coisa intrinsecamente mau.⁹

Na obra intitulada “Fédon” de Platão (que muito influenciou o pensamento cristão) a alma e o corpo são tratados como entidades separadas, porque pertencem a mundos antagônicos. A relação entre corpo e alma é retratada de modo negativo, pois o corpo é concebido como uma prisão para a alma. Esta tensa relação entre corpo e alma, no pensamento platônico é que vai influenciar a teologia cristã.¹⁰

Evidentemente que essa antropologia helênica é estranha à mentalidade semita e veterotestamentária, que fundamenta o pensamento apostólico. De acordo com González e Pérez:

Desde o começo, e logo que as enfrentou, a Igreja recusou as diversas doutrinas que negavam a criação do mundo por Deus – doutrinas como as da tradição platônica, as do gnosticismo e as de Marcião e seus seguidores. Isso não quer dizer, contudo, que tais doutrinas desapareceram completamente.¹¹

Muitos gnósticos¹² negavam a encarnação de Jesus, pois diziam eles que Deus não poderia ter se tornado matéria sem contaminar-se. Sendo assim, Jesus apenas aparentava ser humano, todavia, seu corpo não era real apenas aparente.¹³ O Evangelho

de João, assim como as epístolas joaninas claramente combatem o equívoco desse ensinamento gnóstico (Cf. Jo 1.1-18; 1 Jo 4.1-3).

Assim, o dualismo religioso e filosófico, desde os primórdios, assedia o cristianismo com certa concepção antropológica e de mundo caracterizado por séria desconfiança em relação à matéria e toda corporeidade.

Outra problemática surgiu em torno de alguns escritos do primeiro teólogo da igreja cristã, isto é, Paulo. Seus escritos pareciam afirmar um certo dualismo carne/espírito. Assim, se tem o desafio para os pais da Igreja definir o que significava *carne* nos escritos de Paulo.¹⁴ Para muitos, que realizavam uma interpretação literal, o termo *carne* refere-se ao corpo humano; para outros, que faziam uma leitura alegórica da Escritura, poderia significar a natureza humana decaída. Acabou prevalecendo a primeira concepção. Deste modo, já se percebe os primeiros fundamentos do dualismo antropológico que valoriza o interior, ou seja, a alma e espírito e que vê o corpo com algo pejorativo.

O dualismo helênico na teologia cristã

Além da problemática da compreensão dos escritos de Paulo, houve a forte influência de Platão, Plotino, neoplatônicos¹⁵ e dos já mencionados gnósticos sobre o cristianismo, que acabou configurando o dualismo antropológico.

O dualismo grego é constatado no orfismo e no pitagorismo.¹⁶ Mas é no pensamento de Platão que o dualismo corpo e alma se revelam de modo mais explícito. Para Platão o corpo e alma se encontram em oposição um ao outro; a alma é a fonte de toda moção. Procedendo de Deus, a alma

⁹ SCHNEIDER, Nélío. Alma (corpo, espírito). In: BORTOLLETO FILHO, Fernando (Org.) *Dicionário brasileiro de teologia*. São Paulo: ASTE, 2008. p. 30-31.

¹⁰ RUBIO, Alfonso García. *Unidade na pluralidade: o ser humano à luz da fé e da reflexão cristãs*. São Paulo: Paulinas, 1989. p. 77-78.

¹¹ GONZÁLEZ, Justo L; PÉREZ, Zaida M. *Introdução à teologia cristã*. São Paulo: Hagnos, 2008. p. 88.

¹² Gnosticismo. Antigo movimento religioso grego de amplas proporções, especialmente influente na igreja do século II. O termo gnosticismo deriva-se do vocábulo grego *gnosis*, que significa “conhecimento”. Os gnósticos acreditavam que os seus seguidores adquiriam um tipo de iluminação espiritual que os distinguia das demais pessoas. Os gnósticos também tinham a tendência de destacar a esfera espiritual em detrimento da material, acreditando que esta é má e por isso deve ser evitada. Cf. GRENZ, Stanley J. et al. *Dicionário de teologia: mais de 300 conceitos teológicos definidos de forma clara e concisa*. São Paulo: Vida, 2000. p. 63.

¹³ Este conceito foi repudiado pelo cristianismo como heresia, conhecida como docetismo.

¹⁴ Cf. LOI, V. Carne. In: BERARDINO, Angelo Di (Org.) *Dicionário patrístico e de antigüidades cristãs*. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 259.

¹⁵ *Neoplatonismo*. O neoplatonismo é a corrente filosófica que domina o pensamento da baixa antigüidade, do séc. III d. C. em diante, e que, tanto no plano metafísico teológico como no plano ético, fornece a base também para o pensamento de não poucos Padres tanto de língua grega como latina. Em geral, está diretamente relacionado ao nome de Plotino, seu criador e seu mais ilustre expoente. Como no platonismo, também há nesse sistema filosófico uma notável desvalorização da matéria. Cf. LILLA, S. Neoplatonismo. In: BERARDINO, 2002, p. 983-986.

¹⁶ Cf. ELIADE, 1983, p. 139-143.

não estaria sujeita a perecer, porque imortal. O corpo, portanto, era apenas a “prisão” da alma. Platão ensina que o ser humano encontra-se dividido entre o mundo sensível e o mundo das ideias, que é o mundo das formas eternas. A alma degrada-se ao entrar em contato com a matéria. Deste modo, a morte do corpo proporciona a salvação da alma.¹⁷ A respeito de Platão Rubio afirma:

Platão foi um pagão que viveu no século IV antes de Cristo, sem conexão alguma conhecida com as perspectivas bíblicas sobre o homem. Todavia, nada tem de surpreendente se considerarmos a realidade histórica da forte penetração no pensamento platônico na compreensão cristã do homem, do mundo e de Deus.¹⁸

Não é exagero afirmar que nenhuma outra filosofia da antiguidade marcou tão fortemente a história inicial da teologia cristã quanto o platonismo.¹⁹ Comblin disse: “A impregnação do cristianismo pelo helenismo foi profunda”.²⁰ A princípio o interesse da teologia cristã pelo pensamento helênico e, por conseguinte, do pensamento platônico era de caráter apologético e hermenêutico, ou seja, visava defender a fé cristã e contextualizá-la para a realidade do mundo greco-romano. Assim, surgiram grande nomes na teologia cristã, que fizeram fama sintetizando os princípios da fé cristã com o pensamento grego, a saber: Agostinho, Gregório de Nissa, Tomás de Aquino, entre outros. De acordo com Comblin:

Uma primeira vaga de helenismo entrou através dos Padres dos séculos IV e V, principalmente os capadócijs no Oriente e Agostinho no Ocidente. Uma vez que os concílios recorreram a esses Padres ou a conceitos por eles propostos, produziu-se como que uma espécie de autenticação de seu pensamento. Rapidamente, no decorrer dos

séculos V e VI no Oriente, a Igreja adotou a teologia dos Padres. Fixou-se na ortodoxia, mas sua ortodoxia era a dos Padres, e continha, implicitamente, uma forte carga de helenismo. [...] foram considerados cristãos, não apenas a tradição evangélica que os Padres transmitiam mas, também, os conceitos e as estruturas gregas pelos quais eles faziam essa transmissão. E há muito mais platonismo em Santo Agostinho ou em São Gregório de Nissa do que se poderia supor [...].²¹

Principalmente, no período da Patrística²² o dualismo antropológico de origem platônica é facilmente diagnosticado. As máximas desse período relativas ao corpo comprovam: “O corpo é uma prisão, um túmulo da alma; (é preciso) arrancar a alma das ‘cadeias da carne’, do laço com um cadáver. A carne é como um lodo em que a alma não pode deixar de manchar-se e degradar-se”.²³ Portanto, é inegável a forte influência dualista helênica no pensamento e teologia cristã. Essa influência está presente até hoje na cultura ocidental.

Antropologia teológica pentecostal

De acordo com a doutrina pentecostal o ser humano é formado de espírito, alma e corpo. Portanto, sua antropologia é tricotômica: o ser humano possui três partes distintas que juntas constituem o seu ser. Cita-se geralmente para apoiar essa doutrina a perícopa de 1 Tessalonicenses 5.23: “*Que o próprio Deus da paz os santifique inteiramente. Que todo o espírito, a alma e o corpo de vocês sejam preservados irrepreensíveis na vinda de nosso Senhor Jesus Cristo*”. Sua leitura do texto bíblico é literal, como demonstra Silva:

²¹ COMBLIN, 1982, p.129.

²² *Patrística*. Na origem, “patrística” era um adjetivo, subentendendo teologia, Apareceu no séc. XVII entre os teólogos luteranos e católicos, que distinguiam a teologia em “bíblica, patrística, escolástica, simbólica, especulativa”. Aqueles que atualmente lhe dão preferência estudam as ideias e as doutrinas mais do que o aspecto filológico e literário. HAMMAN, A. *Patrologia – patrística*. In: BERARDINO, 2002, p. 1103.

²³ ŠPIDLÍK, T. *Corpo*. In: BERARDINO, 2002, p. 345-346.

¹⁷ PLATÃO. *Diálogos: Fédon*. In: CIVITA, Victor. *Os pensadores*. São Paulo: Abril Cultural, [s. n. d.]. p. 93-100.

¹⁸ RUBIO, 1989, p. 77.

¹⁹ PANNENBERG, Wolfhart. *Filosofia e teologia: tensões e convergências de uma busca comum*. São Paulo: Paulinas, 2008. p. 33. Cf. LILLA, S. *Platonismo e os padres*. In: BERARDINO, 2002. p. 1156-1171.

²⁰ COMBLIN, José. *O tempo da ação: ensaio sobre o Espírito e a história*. Petrópolis: Vozes, 1982. p. 118.

... vosso espírito, e alma e corpo” (1 Ts 5.23). Não é “... alma e espírito e corpo”, nem tampouco “... corpo e alma e espírito”. O espírito é a parte proeminente, daí ser mencionada primeiro; o corpo é a mais inferior, e por isso é mencionada por último; a alma fica no meio e por isso é mencionada entre os outros dois.²⁴

A *Bíblia de Estudo Pentecostal* afirma que o espírito é o componente imaterial do ser humano pelo qual se tem comunhão com Deus. A alma, igualmente imaterial é a sede das emoções, da razão e da vontade. Anela pelo contato com o mundo e o faz por intermédio do corpo. O corpo é a parte do ser humano que serve de abrigo para a dimensão espiritual, isto é, a alma e espírito e que volta ao pó quando a pessoa morre.²⁵

Bergstén disse: “Deus, que é trino, criou o homem como um ser tríplice, isto é, composto de corpo, alma e espírito”.²⁶ A teologia pentecostal compreende que embora os termos “alma e espírito” sejam usados intercaladamente, persistem diferenças fundamentais em vários textos das Escrituras. Assim, ensina que o Novo Testamento afirma que o ser humano é um ser tripartido, composto de espírito, alma e corpo (1 Ts 5.23).

A compreensão pentecostal de cada uma das partes do ser humano pode ser assim expressa:

O corpo como instrumento

Para o pentecostalismo o corpo é a parte tangível, exterior e percível do homem (Gn 3.19), que é animado pela alma e espírito. Tangível e exterior quer dizer que é material e orgânico. É através dele que a alma se expressa com o mundo físico, sendo ele o “invólucro” ou “bainha” da alma. Os teólogos pentecostais Duffield e Cleave afirmam: “O corpo natural, físico, do homem é apenas um tabernáculo temporário para a pessoa

real que o habita”.²⁷ Pearlman concebe o corpo como sendo:

- a) *Casa, ou tabernáculo.* (2 Co 5.1) É a tenda na qual alma do homem, qual peregrina, mora durante sua viagem do tempo para a eternidade. À morte, desarma-se a barraca e a alma parte;
- b) *Invólucro.* (Dn 7.15) O corpo é a “bainha” da alma. A morte é o desembainhar a espada.
- c) *Templo.* O templo é um lugar consagrado pela presença de Deus – um lugar onde a onipresença de Deus é localizada. Quando Deus entra em relação espiritual com uma pessoa, o corpo dessa pessoa torna-se um templo do Espírito Santo (1 Co. 6.19).²⁸

Para a teologia pentecostal o corpo do ser humano não possui valor em si mesmo, antes seu valor consiste em ser “morada” da alma. Nas palavras de Pearlman: “Esse espírito é o centro e a fonte da vida humana; a alma possui e usa essa vida, dando-lhe expressão por meio do corpo”.²⁹ Nesta perspectiva o corpo é “instrumentalizado” e “coisificado”, pois é entendido como instrumento, como algo que serve de veículo da alma para se comunicar com o mundo.

Cabral afirma que “O corpo por si mesmo não tem poder algum”.³⁰ Seu poder deriva da alma, que é superior e o governa. A alma manda e o corpo apenas obedece. Segundo Cabral o corpo não pode até mesmo pecar, pois o “eu” está separado do corpo, uma vez que o “eu”, a pessoa pode pecar, e, de fato o faz, mas não o corpo, pois este é mero instrumento da alma pecaminosa.³¹ Mas como afirma Rubio: “A pessoa humana é corpórea e, assim, o corpo humano não deve ser considerado um mero instrumento da alma, como queria o platonismo; também não é pura exterioridade, como afirmava o dualismo cartesiano. A

²⁴ SILVA, Severino Pedro da. *O homem: a natureza humana explicada pela Bíblia*. Rio de Janeiro: CPAD, 1988. p. 126.

²⁵ BÍBLIA. Português. *Bíblia de estudo pentecostal*. Almeida Revista e Corrigida. Rio de Janeiro: CPAD, 1995. p. 979-980. Cf. PEARLMAN, Myer. *Conhecendo as doutrinas da Bíblia*. São Paulo: Vida, 2006. p. 108.

²⁶ BERGSTÉN, Eurico. *Introdução à teologia sistemática*. Rio de Janeiro: CPAD, 1999. p.152.

²⁷ DUFFIELD, Guy P.; CLEAVE, Nathaniel M. *Fundamentos da teologia Pentecostal*. São Paulo: Publicadora Quadrangular, 1991. p. 172.

²⁸ PEARLMAN, 2006, p. 108.

²⁹ PEARLMAN, 2006, p. 108.

³⁰ CABRAL, E. *Mordomia cristã*. Rio de Janeiro: CPAD, 2003. p. 60.

³¹ Cf. CABRAL, 2003, p. 60.

corporeidade é uma dimensão da pessoa humana, do “eu” humano”.³²

Rubio afirma que a compreensão do corpo como sendo instrumento da alma é conceito platônico e, que a concepção do corpo como mera exterioridade é de procedência do dualismo cartesiano. Assim, se identifica as bases, que fundamentam a antropologia pentecostal que coloca o corpo a serviço da alma e, assim, o instrumentaliza e o concebe como coisa externa, distinta da identidade humana.

O corpo no culto

No culto pentecostal o corpo deve ocupar um papel subalterno em relação ao espírito/alma? Segundo Benthó: “Por ser incorpóreo, subentende-se que Ele deve ser adorado de modo não corpóreo, e sim, espiritual (Jo 4.24), pelas faculdades da alma, vivificadas e iluminadas pelo Espírito Santo (1 Co 2.14; Cl 1.15-17).³³ Deus, segundo esse raciocínio, por ser incorpóreo deve ser adorado pelas “faculdades da alma” e não de modo corpóreo. Desse modo, o corpo está desqualificado para o culto a Deus. Somente a alma e o espírito do ser humano estão habilitados para a adoração.

Essa ideia de que a alma e espírito possuem uma relação direta com a adoração, e o corpo um papel secundário, expressa um dualismo que contradiz a prática litúrgica pentecostal, em que o corpo ocupa importante papel. Sendo assim, trata-se de algo no mínimo contraditório. Pois no culto pentecostal há mobilização e entusiasmo dos corpos. O culto pentecostal é uma festa. Há palmas, choros, danças, coreografias, “levantar e abaixar de mãos” entre outras.³⁴ Portanto, na doutrina oficial o corpo está de certo modo desvalorizado, e limitado, enquanto que na prática

litúrgica o corpo é afirmado. Com isso se questiona essa contradição que vai da concepção negativa e reducionista em relação ao corpo, até à ampla expressão corporal no momento litúrgico.

Esta aparente contradição possivelmente pode ser compreendida do seguinte modo: na perspectiva pentecostal, boa parte das expressões corporais mais entusiasmadas dos crentes, não são atitudes meramente voluntárias do sujeito, mas manifestações do Espírito Santo sobre os corpos, fazendo os pular, dançar, aplaudir, entre outros. Gonçalves, comentarista da série *Lições Bíblicas*,³⁵ ao escrever sobre a alegria de Davi, por ocasião do retorno da arca de Deus para Jerusalém, assim disse:

O gesto de Davi, ao dançar, demonstra a atitude de um verdadeiro adorador. É o que vemos com a expressão “Davi [...] ia bailando e saltando diante do Senhor” (2 Sm 6.16). A palavra hebraica *karar* traduzida na versão atualizada como “dançar significa também “girar”, e demonstra a atitude jubilosa do segundo rei de Israel. Não devemos esquecer que essa dança (ou giro) era movida pelo Espírito; não foi algo ensaiado nem tampouco fruto de uma explosão carnal.³⁶

É interessante observar que a Bíblia nessa períclope não faz alusão ao Espírito Santo, sendo, portanto, uma interpretação “forçada” de Gonçalves (Cf 2 Sm 6).

Ações corpóreas entusiásticas podem ser observadas já no início do movimento pentecostal e, sempre foram compreendidas como manifestações do Espírito Santo. Em Azusa, os cultos eram longos e, de forma geral, espontâneos. Nos primórdios, a música era à capela, embora um ou dois instrumentos fossem tocados. Os cultos incluíam cânticos, testemunhos dados por visitantes ou lidos daqueles que escreviam para a Missão,

³² RUBIO, Alfonso García. *Unidade na pluralidade: o ser humano à luz da fé e da reflexão cristãs*. São Paulo: Paulinas, 1989. p. 280.

³³ BENTHO, Esdras Costa. *Hermenêutica fácil e descomplicada: como interpretar a Bíblia de maneira prática e eficaz*. Rio de Janeiro: CPAD, 2003. p. 239.

³⁴ RODRIGUES, Ricardo Gondim. Compreendendo o universo pentecostal e estabelecendo bases para o diálogo. *Revista de Cultura Teológica*, São Paulo, ano 3, n. 13, p. 83-84, out/dez. 1995.

³⁵ A série *Lições Bíblicas* produzida pela Casa Publicadora das Assembléias de Deus – CPAD, RJ, trata-se de um material didático instrucional utilizado nas escolas dominicais. A maioria das Assembléias de Deus em todo o país utiliza esse material que, de certo modo, auxilia na uniformização do sistema doutrinário das igrejas.

³⁶ GONÇALVES, José. As derrotas e vitórias de um homem de Deus. *Lições bíblicas: Davi*, Rio de Janeiro, (4. trimestre), p. 53-54, 2009.

oração, momento de apelo para pessoas aceitarem Cristo, apelo à santificação ou ao batismo no Espírito Santo, e fervorosa pregação.³⁷ Araujo disse: “[...] A oração pelos enfermos era também uma parte freqüente [sic] nos cultos. Muitos gritavam. Outros ficavam “rindo no Espírito” ou “caídos no poder.”³⁸

Assim, pode-se inferir que no culto pentecostal os movimentos mais enérgicos e espontâneos do corpo são justificados pelo Espírito, logo, o entendimento do corpo como mero instrumento novamente aparece.³⁹ Aqui, se percebe a primazia do espiritual sobre o corporal, sendo o último apenas expressão daquele.

O corpo sob suspeita

Também pode se observar no meio pentecostal, frequentes jejuns para mortificar a carne, entendida como o corpo com suas paixões que se opõem ao espírito. Desse modo, essa compreensão assemelha-se muito à concepção platônica que considera o corpo como sendo inerentemente mal.⁴⁰ Wagner Gaby disse: “Muitos crentes em Jesus preocupam-se somente com o bem-estar da alma, esquecendo-se de que também precisam zelar pelo corpo [...]”⁴¹

Esse descaso para com o corpo indica uma má compreensão teológica a respeito da sua natureza. Observa-se que o corpo é concebido muitas vezes como algo perigoso, que precisa ser controlado, para não se incorrer em mundanismo e perda da identidade pentecostal.

Contudo, observa-se que, à medida que as comunidades pentecostais foram apresentando um crescimento econômico e passaram a receber pessoas de melhores condições econômicas, procedimentos legalistas e ascéticos começaram a diminuir. Hoje se pode constatar que, algumas igrejas pentecostais, sobretudo, a Assembléia de Deus no afã de se tornarem simpáticas à sociedade já estão, ainda que lentamente se adaptando ao seu modo e estilos de vida.⁴²

Alma e espírito na teologia pentecostal

A definição de Pearlman expressa bem o entendimento de alma pela teologia pentecostal: “A alma é aquele princípio inteligente e vivificante que anima o corpo humano, usando os sentidos físicos como seus agentes na exploração das coisas materiais e os órgãos do corpo para se expressar e comunicar-se com o mundo exterior”⁴³

Para o pentecostal Silva: “A Alma humana é a parte mais importante da natureza constitutiva do homem”.⁴⁴ Esta afirmação é justificada pela perspectiva pentecostal, que entende que na alma encontra-se o centro da identidade humana. Menzies e Horton dizem:

Pode-se dizer que o termo “alma” é usado teologicamente para denotar o próprio “eu”, particularmente em relação à vida consciente, aqui e agora (Ap 6.9). [...] As faculdades da alma, comumente consideradas, são intelecto, emoções e vontade. Juntas, essas qualidades compõem a pessoa real.⁴⁵

Pearlman, teólogo pentecostal cita quatro distinções da alma:

1. A alma distingue a vida humana e a vida dos irracionais das coisas inanimadas e também da vida inconsciente como a vegetal;

³⁷ ARAUJO, 2007, p. 605.

³⁸ ARAUJO, 2007, p. 605.

³⁹ Não se pretende olvidar da liberdade e poder do Espírito Santo para atuar de modo concreto na vida humana. Há forte embasamento bíblico a respeito da ação do Espírito sobre as pessoas. Antes se questiona criticamente, a ideia de que expressões corpóreas nos cultos pentecostais só são justificadas pelo Espírito. Será que expressões corpóreas que manifestam ações de graças e alegria não se justificam por si mesmas? O corpo só tem validade no culto se estiver em êxtase ou for espiritualizado?

⁴⁰ Cf. PLATÃO. Diálogos: Fédon. In: CIVITA, Victor. *Os pensadores*. São Paulo: Abril Cultural, [s. n. d.], p. 93-100.

⁴¹ GABY, Wagner Tadeu. As doenças do nosso século, as curas que a Bíblia oferece. *Lições bíblicas*, Rio de Janeiro, (3. trimestre), p. 60-61, 2008.

⁴² Cf. MARIANO, Ricardo. *Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil*. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2005. p. 205.

⁴³ PEARLMAN, 2006, p. 73.

⁴⁴ SILVA, 1988, p. 29.

⁴⁵ MENZIE, William W; HORTON, Stanley M. *Doutrinas bíblicas: uma perspectiva Pentecostal*. Rio de Janeiro: CPAD, 1995. p. 86-87.

2. A alma do ser humano o distingue dos irracionais. Estes possuem alma, mas é alma terrena que vive somente enquanto durar o corpo. A alma do homem é qualitativamente diferente, sendo vivificada pelo espírito;
3. A alma distingue o ser humano de outro e dessa maneira forma a base da individualidade. A palavra “alma” é, portanto, usada frequentemente no sentido de “pessoa”;
4. Finalmente, a alma distingue o ser humano não somente das ordens inferiores, mas também das ordens superiores dos anjos, porque estes não têm corpos semelhantes aos dos homens.⁴⁶

No que tange ao espírito, a teologia pentecostal reconhece que os termos originais, que são traduzidos por “espírito” na Bíblia, assumem variados sentidos e, por isso devem ser entendidos conforme o contexto. Mas geralmente, se compreende ser o espírito humano o ponto focal da imagem divina nele, que o habilita a raciocinar e a reagir perante Deus. Bergstén afirma: “O espírito do homem é a sede das suas relações com Deus”.⁴⁷

Pearlman assevera que “O espírito e a alma representam os dois lados da substância não física do homem”.⁴⁸ Em outras palavras, o espírito e a alma representam os dois lados da natureza espiritual. Embora distintos, espírito e alma são “inseparáveis”, entrosados um no outro. Os pentecostais afirmam que, por estarem tão interligadas, as palavras “espírito” e “alma” muitas vezes se confundem (Ec 12.7; Ap 6.9), de maneira que, em um trecho a substância espiritual do homem se descreve como alma (Mt 10.28) e, em outra passagem, como espírito (Tg 2.26).⁴⁹

Os pentecostais recorrem aos seguintes textos para corroborar a diferença entre espírito e alma: 1 Co 15.44; 1 Ts 5.23 e Hb 4.12.⁵⁰

A antropologia teológica pentecostal defende que o homem “espírito”, é capaz de ter conhecimento de Deus e comunhão com Ele. Sendo “alma”, ele tem conhecimento de si próprio. Sendo “corpo”, através dos sentidos tem conhecimento do mundo. Assim sendo, as funções ficam assim definidas:

a) Espiritual:

Deus habita no espírito;

b) Moral:

O eu habita na alma;

c) Física:

Os sentidos habitam no corpo.

Dualismo antropológico e imortalidade da alma

Como já exposto, a antropologia teológica pentecostal se caracteriza por um dualismo moderado. Sendo este de natureza axiológica, ou seja, na ordem dos valores, assim, a alma possui um valor mais acentuado do que o corpo.

Certamente contribui para essa realidade a crença na imortalidade da alma. Esta se constitui no principal pilar de sustentação da visão grega dualista. Assim, a teologia pentecostal à maneira helênica acredita numa alma imortal no sentido de uma substância no ser humano que é indestrutível em si e que não pode ser atingida pela morte. O pentecostal Munyon disse: “Somente os seres humanos, na criação de Deus, possuem a virtude da imortalidade”.⁵¹ Segundo Horton e Menzies, entre a morte e a ressurreição do corpo, há um estado intermediário, onde alma subsiste de modo consciente.⁵² Desse modo afirmam:

⁵⁰ RENOVATO, Elinaldo. Antropologia – a doutrina do homem. In: GILBERTO, Antonio (Ed.) *Teologia sistemática pentecostal*. 2. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2008. p. 272.

⁵¹ MUNYON, Timothy. A criação do universo e da humanidade. In: HORTON, 2008, p. 259.

⁵² MENZIES; HORTON, 1995, p. 260.

⁴⁶ PEARLMAN, 2006, p. 73.

⁴⁷ BERGSTÉN, 1999, p. 157.

⁴⁸ PEARLMAN, 2006, p. 72.

⁴⁹ PEARLMAN, 2006, p. 72.

Para alguns teólogos, essa etapa nada mais representa do que o sono da morte: a pessoa morre e a alma simplesmente deixa de existir, até que seja novamente chamada à existência por ocasião da ressurreição do corpo. A Bíblia, no entanto, deixa bem claro que, no além-túmulo, há vida consciente.⁵³

Eurico Bergstén cita Gn 2.7 e declara que todo ser humano é portador da eternidade dentro de si. Também ressalta que a alma não pode morrer.⁵⁴ “Somente o corpo do homem é mortal, porém, ressuscitará um dia (cf. At 24.15; Jó 5.28.89)”.⁵⁵

Pode-se dizer que para o pentecostal a morte é bem vinda, pois liberta a alma imortal para uma vida mais plena. Com a morte, o destino do corpo é deteriorar-se, ao passo que a alma permanece. Moltmann descreveu as implicações desse conceito:

Confiando na alma imortal, aceitamos a morte e, de certo modo, a antecipamos. Confiando no Deus criador da vida, esperamos pela superação da morte: “Engolida foi a morte pela vitória” (1 Co 15,54) e por uma vida eterna em que a “morte não mais existirá” (Ap 21,4). A alma imortal pode até saudar a morte como “amiga”, porque esta a redime do corpo terreno; para a esperança da ressurreição, a morte é o último inimigo” (1 Co 15,26) do Deus vivo e das criaturas do seu amor”.⁵⁶

Neste sentido, Moltmann afirma que a crença na imortalidade da alma subestima o aspecto terrível da morte, considerando-a até positivamente. Mas o que diz a Bíblia? Ainda que não haja uma ideia comum com relação à morte em toda a Bíblia, de modo geral a morte é compreendida como algo negativo. A vida é exaltada e concebida como um presente de Deus. Deus é fonte de vida (Dt 8.3; Sl 36.10). A vida não está nas mãos do ser humano, mas apenas sobre o controle de Deus (Gn 3.22; 6.3; Sl 144.29ss; Jó 34.14s). De acordo com Jüngel, no Antigo Testamento viver significa ter relacionamento com

Deus e, por outro lado a morte significa ausência de relacionamento.⁵⁷

No Novo Testamento o horror da morte também está presente, especialmente no relato da morte de Jesus conforme os Evangelhos. Observa-se que nos momentos que antecedem a sua morte Jesus começa a apavorar-se e angustiar-se (Mc 14.24). Pede inclusive que se possível fosse salvo da morte. Portanto, para Jesus a morte não é concebida como “amiga”, mas como adversário terrível. Posteriormente, Paulo afirmará que a morte é o último inimigo a ser vencido (cf. 1 Co 15.26).

O entendimento de Jesus a respeito de alma também diverge da compreensão pentecostal. Quando Jesus falava de “alma” no Novo Testamento, ele utilizava a palavra hebraica *vp,n*, (*nefesh*). De acordo com Drewermann, seu equivalente seria “fôlego”.⁵⁸ Trata-se de algo que possui fôlego, respira, vive. Isto é “alma” para o hebreu. Também se pode afirmar: é o eu da pessoa. Quando Jesus diz: “Pois, que adiantará ao homem ganhar o mundo inteiro e perder a sua alma?” (Mt 16.26), isto não deve ser compreendido em sentido espiritualizado, como frequentemente se faz, e sim Jesus quer dizer: para que serve conquistar o mundo inteiro e perder-se a si próprio?⁵⁹

Numa abordagem mais filosófica, Paul Tillich assevera que só Deus possui o poder de ser-em-si e que toda criatura está sob o estigma de ter surgido do nada.⁶⁰ Tillich destaca que os escritores bíblicos acreditavam que o ser humano é mortal por natureza, sendo portanto, a imortalidade uma intrusão platônica na doutrina cristã.⁶¹

Diante dessas considerações, a questão não pode ser evitada: ressurreição da “carne” ou imortalidade da alma? Antropologia semita ou antropologia helenista? Tillich é taxativo a respeito dessa questão: “Para a participação individual na vida eterna, o cristianismo emprega os termos

⁵³ MENZIES; HORTON, 1995, p. 260.

⁵⁴ BERGSTÉN, 1999, p. 151.

⁵⁵ BERGSTÉN, 1999, p. 151.

⁵⁶ MOLTSMANN, Jürgen. *A vinda de Deus: escatologia cristã*. São Leopoldo: Unisinos, 2003. (Coleção Theologia Publica 3), p. 82.

⁵⁷ WOLFF, 2007, p. 172.

⁵⁸ DREWERMANN, Eugen. *Religião para quê?* Buscando sentido numa época de ganância e sede de poder. São Leopoldo: Sinodal, 2004. p. 97.

⁵⁹ DREWERMANN, 2004, p. 96-99.

⁶⁰ TILLICH, Paul. *Teologia sistemática*. 5. ed. São Leopoldo: Sinodal, 2005. p. 197.

⁶¹ TILLICH, 2005, p. 360.

‘imortalidade’ e ‘ressurreição’ (além da própria expressão ‘Vida Eterna’). Desses dois, somente ‘ressurreição’ é bíblico.”⁶² Drewermann argumenta que a crença na imortalidade da alma não é bíblica, assim, defende apenas a ressurreição. Destaca que não se pode apoiar a esperança das pessoas face à morte sobre um princípio metafísico imortal, mas sim na relação com Deus que não abandona na morte.⁶³

Há, ainda, um ponto a ser considerado sobre essa questão: diferentemente do que muitos pensam, a doutrina da imortalidade surgiu ao longo da História da Igreja. Segundo Loi: “No cristianismo antigo, foi uma conquista gradual, que se deveu principalmente a Orígenes e a S. Agostinho. No séc. V, ainda se encontrava quem ensinasse que a alma era material e mortal como qualquer criatura”.⁶⁴

A tese dos cristãos em geral, que acreditavam na ressurreição era que a imortalidade era um atributo de exclusividade de Deus. Quanto à alma era só invisível, mas não imortal, de modo que podia receber a imortalidade tão somente pela graça divina.⁶⁵ Schneider alega que, segundo a Bíblia a transitoriedade e mortalidade do corpo implicam a transitoriedade e mortalidade da alma, pois se tem uma concepção de ser humano integral.⁶⁶

Portanto, neste particular, a teologia pentecostal parece mais próxima de Platão do que de Jesus. A crença na imortalidade da alma é um dos principais fundamentos do seu dualismo antropológico que, acaba por resultar em condições favoráveis para certo distanciamento da vida encarnada aqui e agora.

Considerações finais

Na antropologia teológica pentecostal há uma verdadeira hierarquia da constituição humana, atribuindo-se maior valor à parte “espiritual”, do que a material do ser humano. Desse modo é caracterizado por um dualismo moderado de

natureza axiológica. Bergstén afirma: “[...] o real valor do corpo está na sua alta finalidade de ser a morada, o tabernáculo em que habita a alma e o espírito do homem [...]”.⁶⁷ O corpo, desse modo, não possui valor em si mesmo, antes seu valor consiste em ser “morada” da alma. Nas palavras de Pearlman: “Esse espírito é o centro e a fonte da vida humana; a alma possui e usa essa vida, dando-lhe expressão por meio do corpo”.⁶⁸ Nesta perspectiva, o ser humano é identificado como alma/espírito que possui um corpo.

Diante disso, percebe-se o desafio que há diante da teologia pentecostal, ou seja, o reconhecimento do corpo como um fator fundamental e constitutivo do ser humano integral. É necessária a superação do dualismo antropológico que desvaloriza o corpo. Só desse modo poderá haver uma maior sensibilidade para com a dimensão material e social da vida humana. Afinal, o cristianismo tem como fundamentos básicos a fé no Deus que se tornou carne e que promete a ressurreição do corpo.

[Recebido em: junho de 2011,
aceito em: agosto de 2011]

⁶² TILLICH, 2005, p. 836.

⁶³ Cf. DREWERMANN, 2004, p. 97-98.

⁶⁴ TILLICH, 2005, p. 97-98.

⁶⁵ LOI, V. Carne. In: BERARDINO, 2002, p. 78.

⁶⁶ LOI, V. Carne. In: BERARDINO, 2002, p. 78.

⁶⁷ BORTOLLETO FILHO, 2008, p. 31.

⁶⁷ BERGSTÉN, 1983, p. 75.

⁶⁸ PEARLMAN, 2006, p. 108.